
Amanda Santana da Silva¹ | Ícaro De Araújo Juriti² | Shirley Nunes Silva³ | Daniel Alberto S. E Santos⁴

FELICIDADE INDIVIDUAL COMO LÓGICA DE VIDA CONTEMPORÂNEA E SEUS IMPACTOS NA SUBJETIVIDADE E COLETIVIDADE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

INDIVIDUAL HAPPINESS AS A LOGIC OF CONTEMPORARY LIFE AND ITS IMPACTS ON SUBJECTIVITY AND COLLECTIVITY: AN INTEGRATIVE REVIEW

LA FELICIDAD INDIVIDUAL COMO LÓGICA DE LA VIDA CONTEMPORÁNEA Y SUS IMPACTOS EN LA SUBJETIVIDAD Y LA COLECTIVIDAD: UNA REVISIÓN INTEGRADORA

RESUMO

A sociedade contemporânea tem sido marcada por uma nova lógica de vida pautada na felicidade constante, onde o bem-estar fundamentado no individualismo e nas relações de consumo passou a ser atributo central e supervalorizado em discursos no processo de interação humana. Diversos filósofos, psicólogos e demais pensadores debatem a respeito da manutenção dessa lógica, mas ainda há necessidade de discutir sobre os impactos dessa doutrina. Nessa perspectiva, o presente artigo visou, através de uma revisão integrativa de literatura, identificar os impactos da concepção de felicidade individual como lógica de vida contemporânea na subjetividade e na coletividade, delineando como a Psicologia pode atuar frente a essa dinâmica. Por meio dos estudos, percebeu-se que a doutrina pautada na busca incessante de tal plenitude é nociva em níveis individuais e coletivos.

PALAVRAS-CHAVE

Felicidade. Consumo. Individualismo.

ABSTRACT

Contemporary society has been marked by a new logic of life based on constant happiness, where happiness based on individualism and consumer relations passed to a central and overvalued attribute in discourses in the process of human interaction. Several philosophers, psychologists and other thinkers debate about maintaining this logic, but there is still a need to discuss the impacts of this doctrine. In this perspective, this article aimed, through an integrative literature review, to identify the impacts of the concept of individual happiness as a logic of contemporary life on subjectivity and collectivity, outlining how psychology can act against this dynamic. Through studies, it was realized that this doctrine based on the incessant search for such fullness is harmful at individual and collective levels.

KEYWORDS

Happiness. Consumption. Individualism

RESUMEN

La sociedad contemporánea ha estado marcada por una nueva lógica de vida basada en la felicidad constante, donde el bienestar basado en el individualismo y las relaciones de consumo se ha convertido en un atributo central y sobrevalorado en los discursos del proceso de interacción humana. Varios filósofos, psicólogos y otros pensadores debaten sobre el mantenimiento de esta lógica, pero aún existe la necesidad de discutir los impactos de esta doctrina. En esa perspectiva, este artículo tuvo como objetivo, a través de una revisión integradora de la literatura, identificar los impactos de la concepción de la felicidad individual como lógica de la vida contemporánea sobre la subjetividad y la colectividad, delineando cómo la Psicología puede actuar frente a esta dinámica. A través de los estudios, se percibió que la doctrina basada en la búsqueda incesante de tal plenitud es dañina a nivel individual y colectivo.

PALABRAS CLAVE:

Felicidad. Consumo. Individualismo.

1. INTRODUÇÃO

Ao escrever o seu texto 'Mal estar na civilização', Freud (1930) refletiu sobre o mal-estar e sua funcionalidade. Ele buscava compreender, qual era o papel e o porquê da existência do mal-estar. Chegando à conclusão de que o mal-estar estava intimamente ligado à realidade social e as relações interpessoais. De acordo com as ideias de Freud, é impossível o fomento do real bem-estar, em meio a uma sociedade nociva, sendo assim, como esperar felicidade e bem-estar verdadeiros em uma sociedade moldada historicamente pela desigualdade, violência e exploração? E para, além disso, de que forma e qual o tipo de felicidade nos é apresentada cotidianamente?

A palavra 'felicidade' é polissêmica, ou seja, guarda em si diferentes definições, indo de um estado de plenitude, até a sensação de realização. Essa multiplicidade de sentidos se dá através da construção histórica da ideia de felicidade, de tal forma que, para compreendermos a natureza do termo, é necessário compreender o contexto histórico da época (SOUZA E OLIVEIRA, 2018). Na sociedade contemporânea liquefeita, o consumismo se apresenta como a materialização da felicidade, ou seja, o ter agora é também

ser, isso aliado a um sistema impositivo frenético transforma pessoas em meros consumidores de prazeres mercadológicos (BAUMAN, 2001).

Dessa maneira, a legitimação da felicidade encontra-se nas roupas de marcas, nos modelos de automóveis, nos celulares de última linha e em qualquer outra mercadoria vendida como necessária para uma vida feliz e plena. Além disso, outras marcas da contemporaneidade são a perda de projetos coletivos de felicidade, a ausência de valores universais e a perda da meta de criação de utopias. Nesse cenário, há um resgate do hedonismo como filosofia de vida, ou seja, permanece um paradigma onde o homem apresenta-se centrado na realização de seus desejos carnis, no gozo, na bebida e em prazeres temporários que atuam como ilusão necessária frente à dura realidade (SOUZA E OLIVEIRA, 2018).

Além disso, Amatuzzi (2006), destaca que a subjetividade tem um papel crucial nesse contexto, tendo em vista que é definida como o 'abstrato do sujeito', enquanto sujeito consciente de si, sendo essa consciência não apenas de ordem cognitiva, mas também fenomenológica, englobando a experiência e a percepção da experiência, assim a subjetividade é definida enquanto Ser-em-relação. Dessa forma, recorreremos ao conceito de subjetividade, para explanar os impactos da lógica de vida vigente, a da felicidade individual, que ao propor um objetivo de vida (ser feliz) e uma forma de alcançá-lo (consumismo, hedonismo, evitação ou anulação total da tristeza), afeta diretamente as subjetividades, tornando-as frágeis e individualizadas, no meio onde elas se encontram e se interrelacionam, ou seja, na coletividade. O coletivo aqui não é utilizado como contraponto do subjetivo, mas um dos fatores que o constituem e o qual é constituído pelas subjetividades.

Assim, perceber o surgimento de novas maneiras na construção de uma vida 'feliz', fomentadas pelas lógicas individualistas neoliberais foi a principal motivação para elaboração desse artigo. Ademais, a compreensão deste fenômeno é fundamental para nortear a atuação do profissional de Psicologia nessa dinâmica marcada pela imposição do bem-estar incondicional. Afinal, até que ponto o ideal de felicidade e bem-estar propagados e vendidos como fórmulas e estilo de vida são benéficos?

É importante salientar que esse estudo não se trata de uma homenagem à tristeza, muito menos apologia a estados depressivos e conformistas, o contrário, vem discordar de uma lógica desumanizadora do ser, ao passo em que reconhece na tristeza, angústia e demais sentimentos tidos como 'negativos', a naturalidade da resposta humana frente a contextos de frustração, e que fugir de tais sentimentos, é uma prática ainda mais destrutiva.

Diante disso, o objetivo deste artigo foi identificar, através de uma revisão integrativa, os impactos da concepção de felicidade individual como lógica de vida contemporânea na subjetividade das pessoas e na coletividade, destacando o papel da Psicologia nessa dinâmica.

2. METODOLOGIA

Buscando integralidade e abrangência de conteúdo, a proposta metodológica adotada foi a revisão integrativa de literatura. Essa abordagem se adequa melhor a temática escolhida, pois se trata de uma forma de pesquisa ampla e criteriosa, além de visar à revisão dos dados de forma sistemática e promover a integração de saberes da literatura teórica e empírica (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010). A pergunta que norteou a construção desse estudo foi: 'Quais as consequências de uma lógica de vida pautada na busca incessante pela felicidade individual e os impactos dessa dinâmica na subjetividade e na coletividade?'.

A coleta de dados foi realizada entre setembro e novembro de 2020. A busca de dados ocorreu nas bases: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PEPSIC) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Visando alcançar o objetivo proposto de forma sistemática, utilizamos como critério de inclusão, os artigos escritos em português e espanhol, publicados nos últimos cinco anos. Os critérios de exclusão foram: materiais publicados idiomas que não o português e espanhol, teses e dissertações, artigos publicados antes do ano de 2015 e que não tratavam da temática. Foram utilizados como descritores para a busca: felicidade contemporânea, felicidade compulsiva, felicidade e redes sociais, bem-estar individual, felicidade e consumo.

3. RESULTADOS

Ao longo do processo de pesquisa nos repositórios digitais de dados científicos, utilizando os descritores citados, foram selecionados 251 artigos. Após a leitura dos títulos foram selecionados 25. Após leitura do resumo, 7 estudos foram excluídos, restando 18 para serem analisados integralmente, e após análise, 10 desses foram selecionados, levando em consideração a clareza, relevância para a discussão e abordagem crítica em relação ao assunto. Em seguida, para melhor síntese dos resultados encontrados, foi elaborado uma tabela contendo os títulos, autores, ano e método dos artigos selecionados.

Tabela 1: Artigos selecionados para a revisão integrativa de literatura.

Título	Autores	Ano	Método
A representação social da felicidade e a sociedade de consumo na visão de jovens universitários	Acselrad M, Vale FC.	2018	Revisão bibliográfica seguida da realização de um grupo focal.
A tristeza e a inveja na obrigação de ser feliz	Freitas DC.	2018	Ensaio teórico.
Cultura do consumo: da promessa de felicidade ao sofrimento psíquico	Santos BB.	2017	Revisão bibliográfica de literatura.
El Papel de la Dimensión Colectiva en el Estudio de la Felicidad	Carrilo S, Feijóo ML, Gutiérrez A, Jara P, Schellekens.	2017	Revisão bibliográfica de literatura
Felicidade como Produto:Um Olhar Crítico sobre a Ciência da Psicologia Positiva	Campos DC, Faria MRGV, Reppold CT, Tocchetto BS, Zanini DS.	2019	Revisão bibliográfica qualitativa.
Implicações da Gestalt-terapia Frente às Relações de Hiperconsumo	Alegria CM.	2019	Revisão bibliográfica de literatura.
Novos dispositivos de subjetivação: o mal estar na cultura contemporânea	Furtado MA, Szapiro AM.	2015	Estudo teórico.
O derretimento da coletividade e obstinação do individualismo	Rodrigues RN, Silva GBM.	2019	Revisão bibliográfica de literatura.
Reflexões sobre os benefícios da tristeza segundo a neurociência e a arte fílmica divertidamente	Banhato EFC.	2019	Revisão bibliográfica e análise de cenas do filme Divertidamente.
Ser feliz: reflexões sobre a felicidade e seus imperativos	Souza AM, Oliveira CR.	2018	Pesquisa bibliográfica de literatura.

Fonte: Araújo SNS, Juriti IA, Santana AS, 2021.

Nos títulos dos artigos selecionados, as palavras de maior recorrência são: felicidade, consumo, coletividade e suas variações, o que, de certa maneira, dá o tom do presente artigo. Os autores são diversos, não tendo uma autoria que protagonize a construção deste estudo, o que nos fornece uma discussão mais ampla, com diferentes pontos e vozes para contemplar. No total são 22 autores, sendo 50% (11) deles Doutores, 18,2% (4) Mestres e 31,8% (7) Graduados.

Os objetivos desses artigos seguem em consonância numa direção muito próxima, valorizando a discussão, o questionamento, a compreensão e a reflexão sobre o tema, o que está de acordo com o objetivo do estudo. O principal método de pesquisa utilizado nos artigos selecionados é a revisão bibliográfica, 80% (8) dos artigos, enquanto que 20% (2) deles são ensaios teóricos, sendo que um deles, 10% (1), além da revisão bibliográfica, faz uso de grupo focal de estudos.

Para além das informações do quadro, alguns detalhes podem se fazer importantes, como a nacionalidade desses artigos, 90% (9) brasileira e 10% (1) colombiana. Dentre os 90% (9) de artigos produzidos no Brasil, 44,5% (4) são da região Sudeste, 22,2% (2) foram produzidos na região Norte, 22,2% (2) na região Nordeste e 11,1% (1) na região Sul.

Quanto à área de concentração dos artigos, 60% (6) são da Psicologia, 20% (2) da Sociologia, 10% (1) da Filosofia e 10% (1) da Neurociência. No que tange o recorte de tempo utilizado, 40% (4) dos artigos foram publicados em 2019, 30% (3) em 2018, 20% (2) em 2017 e 10% (1) em 2015. Nenhum artigo de 2020 foi selecionado, um dos possíveis motivos talvez seja a pandemia de COVID-19, que se iniciou mundialmente no final de 2019, o que talvez tenha dificultado a produção científica, e diminuído o número de artigos publicados.

4. DISCUSSÃO

4.2 Felicidades: definições, conceitos e características

Felicidades, no plural, talvez seja a forma mais adequada de se referir ao conceito, visto que, como citado anteriormente, é uma palavra polissêmica, sendo assim, tem diferentes sentidos e interpretações, a depender da teoria que utilize como base de análise, e o tempo histórico onde está sendo aplicada (SOUZA E OLIVEIRA, 2018). Porém, apesar da diversidade de conceituações, percebe-se uma certa consonância ao lidar com o tema atualmente, ao exemplo dos artigos *Ser feliz: reflexões sobre a felicidade e seus imperativos*, de Souza e Oliveira (2018), e *A representação social da felicidade e a sociedade de consumo na visão de jovens universitário*, Acselrad e Vale (2018), onde ambos começam seus artigos situando o conceito historicamente, por concordarem que as condições socioculturais da época influenciam o ideal de felicidade e como alcançá-lo.

Acselrad e Vale (2018) e Souza e Oliveira (2018), dão ênfase na relação contemporânea entre felicidade e consumo, para ambos, o homem é compelido ao consumo como forma de obter a felicidade, isso acontece porque os meios midiáticos, onde a propaganda tem grande força, atrelam a compra a estados de felicidade e bem-estar. Essa lógica de consumo atrelado à felicidade, é peça fundamental do sistema capitalista e hiper consumista no qual estamos inseridos.

Porém, esta é apenas uma das características da felicidade contemporânea, Souza e Oliveira (2018) trazem o aspecto individualista e hedônico desta, de acordo com eles, a felicidade atualmente, perde seu vínculo com ideais coletivos, utopias e valores universais, e foca na realização dos desejos individuais. Outro ponto, dessa vez abordado por Acselrad e Vale (2018), é o do caráter impositivo da felicidade na atualidade, esses autores observaram que há uma espécie de coação para manter os sujeitos felizes o tempo todo ou, pelo menos, que demonstrem estarem felizes, principalmente nas redes sociais. Isso se dá ao passo em que a felicidade é sempre exaltada, enquanto a tristeza e a infelicidade são negadas, como se os sujeitos não tivessem o direito de se sentirem tristes.

Um último ponto sobre a felicidade contemporânea, onde ambos os artigos concordam, refere-se a natureza ilusória e impossível da mesma, na forma que é apresentada hoje, isso porque, segundo eles, essa felicidade assume a função de suprir o vazio existencial humano, e abolir toda a angústia proveniente dela, turvando a visão e o pensamento a respeito de outras questões fundamentais à experiência humana (SOUZA E OLIVEIRA, 2018; ACSELRAD E VALE, 2018).

Assim, a felicidade apresentada na contemporaneidade tem como principais características, a individualidade, pois é pautada na auto realização e busca pelo prazer, em detrimento de projetos coletivos. Além disso, assume a lógica consumista, já que seu principal meio de realização está no consumo. Ademais assume uma gama de controles impositivos, ao passo em que se torna quase obrigatório estar feliz, e tudo que lhe é contrário, como a tristeza, é negado. Nesse cenário a felicidade torna-se impossível, pois ao se apresentar como um estado constante, revela-se inalcançável, sendo a felicidade na realidade, um fenômeno episódico, não fixo (ACSELRAD E VALE, 2018; SOUZA E OLIVEIRA, 2018).

4.3 Cronicamente felizes: subjetividade na era da felicidade constante

A subjetividade tem ganhado espaço, e até protagonismo, na pesquisa em Psicologia nos últimos anos, isso porque, entender a experiência e a consciência subjetiva, fornece um conhecimento muito caro sobre os sujeitos e conseqüentemente, oferece uma espécie de norte para a atuação do psicólogo e sua pesquisa (AMATUZZI, 2006). Porém, o caráter múltiplo, difuso e mutável, da subjetividade humana faz com que o entendimento sobre ela, seja um trabalho constante, considerando cada fator que possa influenciar a experiência de vida, como por exemplo, uma nova lógica de vida pautada na felicidade individual.

De acordo com Freitas (2018), é na impositividade de uma felicidade constante, que a subjetividade do sujeito contemporâneo encontra fonte de profunda angústia, isso porque deparado com a obrigação de ser feliz e com a falta de espaço e negação do seu mal-estar, o sujeito sente-se como um estranho, um fracasso, um perdedor, indigno da vida. Conseqüentemente, a tristeza experimentada pelo sujeito é intensificada e prolongada, por não encontrar validação na fala e nem uma escuta decente, afinal ao falar de sua tristeza, o sujeito é confrontado com a positividade alicerçada no 'pense positivo, não é tão ruim, você nem devia se sentir assim, a tristeza não tem vez', mas continua lá, presa e proliferando (FREITAS, 2018).

Entretanto, segundo o autor, o sofrimento sempre foi algo a ser evitado pelo ser, a diferença é que hoje, com as redes sociais, a fuga se torna mais fácil, mais elaborada, ou seja, agora, ela está ao alcance da mão, tendo em vista que temos acesso a um número infinito de pessoas para interagirmos e podermos mostrar nossas vidas, de preferência editada e cheia de filtros, de modo que não nos sentimos tão sozinhos e, com a ajuda da *internet*, esquecemos da nossa angústia existencial. Porém, ele mesmo afirma que, é nesse meio que outro sentimento subjetivo muito forte é produzido, a inveja. Já que ao se deparar com tantos rostos sorridentes, modos de vida deslumbrantes e relacionamentos perfeitos, o sentimento de não pertencimento, de fracasso, se intensifica ainda mais (FREITAS, 2018).

Além disso, em outro estudo denominado *Cultura do consumo: da promessa de felicidade ao sofrimento psíquico* (2017), temos o sofrimento psíquico como conseqüência direta de uma lógica de vida voltada para a felicidade individual, porém o ponto chave da reflexão encontra-se na relação de consumo e na autonomia exacerbada. De acordo com o autor, existe uma promessa de felicidade no processo de consumo, ou seja, promete-se que com uma ou outra mercadoria o sujeito suprirá suas necessidades e terá uma vida feliz, porém o que acontece é que uma nova necessidade surge, originando um ciclo infinito, onde ninguém nunca está bem, e a felicidade prometida nunca é alcançada, como se o sujeito estivesse numa roda para hamsters, correndo sem nunca sair do lugar (SANTOS, 2017).

Outro ponto trazido pelo autor supracitado, é a autonomia exacerbada pautada numa individualidade herdada desde o iluminismo, porém alargada e aprofundada. Acontece que os sujeitos veem na autonomia, ou seja, na capacidade de encontrarem em si mesmos a possibilidade de manutenção de suas vidas, como forma de alcançar a felicidade, isso através do dinheiro e da independência. Entretanto, nem todos,

na verdade poucos, encontram condições necessárias para alcançar essa autonomia, e quando falham, a responsabilidade não é posta sobre as condições que impossibilitam sua realização, e sim sobre os próprios sujeitos. Dessa forma, alcançar a autonomia, e conseqüentemente, a felicidade torna-se uma responsabilidade do indivíduo e só dele, assim a consequência é um sujeito isolado, frágil e desconexo da realidade em que se encontra. (SANTOS, 2017).

Contudo, Furtado e Szapiro (2015) trazem novos pontos à luz do debate, como por exemplo, o ideal de eficácia, originado na tecnociência e importado para as relações humanas, onde todo comportamento humano não é mais visto sob a ótica da sua natureza, propício a erros e acertos, dores e alegrias, característicos da sua existência, mas sim da lógica de performance onde tudo é direcionado para os melhores resultados. Outro ponto, é o local e a natureza que o mal-estar toma nessa problemática da busca pelo bem-estar e eficácia, que é o lugar de falha, de fracasso, mas, sobretudo de negação, o sujeito nega-se a sentir-se mal e triste, não há tempo pra isso. Porém, mesmo negada, a tristeza continua lá, o que gera uma contradição e para lidar com a contradição, os sujeitos recorrem a solução mais rápida e fácil possível, os fármacos, as pílulas da felicidade. Dessa forma, não há mais tristeza ou mal-estar, agora terminantemente abolidas (FURTADO E SZAPIRO, 2015).

No entanto, de acordo com Banhato (2019), em sua pesquisa sobre a importância da tristeza e demais estados negativos, existem benefícios ligados à tristeza, como por exemplo, melhora na memória, redução de erros de julgamento, aumento da motivação e produção de comportamentos sociais mais eficazes. Não só isso, a autora defende a importância do sentir-se triste no processo de subjetivação humana, porque é nesse processo de tristeza que descobrimos aquilo que nos incomoda, ou seja, são nesses momentos que voltamos nosso olhar para dentro e buscamos descobrir o que nos causa tal sensação que digerimos as experiências causadoras de tais sentimentos, para por fim, ressignificá-la.

Ao pular essa etapa e negar o sofrimento e a tristeza, o ser humano perde a oportunidade de ressignificar experiências de vida fundamentais para a formação e transformação. Além disso, ao negar a tristeza, esse sofrimento é intensificado, visto que, o choro e angústia são importantes ferramentas para a manutenção da psique (BANHATO, 2019). Ao passo que, ao buscar um estado constante de felicidade e abolição da tristeza, o homem corre o risco de se tornar sujeitos dessensibilizados ao sofrimento, perdendo a capacidade de lidar com ele de forma saudável e natural, de tal maneira que o sofrimento perde seu significado frente a vida, e a própria vida humana perde seu significado, afinal, é no sofrimento e na tristeza que muitos aspectos da humanidade encontram significado (FURTADO E SZAPIRO, 2015).

4.4 O coletivo na dinâmica da felicidade contemporânea

Primeiramente, vale o questionamento: Qual a relação entre felicidade e coletividade? Para entendermos esse ponto, fazemos uso do artigo *El Papel de la Dimensión Colectiva en el Estudio de la Felicidad*, de Carillo Et al, (2017). De acordo com os autores, a coletividade exerce um papel fundamental no desenvolvimento da felicidade, sendo as relações afetivas (aquelas estabelecidas com familiares, amigos e pessoas próximas) e a conduta pró-social (comportamento amistoso, amabilidade e generosidade com pessoas próximas ou não) um fator básico para o surgimento de respostas felizes. Além disso, trazem como outro fator básico, o comportamento econômico, observaram que gastar com os outros gera mais satisfação do que quando gastar consigo mesmo, e que quando as pessoas tem suas necessidades básicas asseguradas e uma renda média que lhes proporcionem segurança e liberdade, o dinheiro em nada contribui para a obtenção de mais felicidade.

Como podemos observar, a coletividade e as relações sociais desempenham papel essencial no desenvolvimento de uma vida mais feliz (CARILLO, ET AL., 2017). Porém há aqui uma contradição, pois, ao passo em que nos tornamos mais ávidos pela felicidade na forma como ela se apresenta atualmente, mais há um aprofundamento no individualismo, e um esfacelamento do coletivo, os sentimentos de solidariedade e cooperação são substituídos pela autonomia e egocentrismo, tendo em vista que os sujeitos passam a ver o outro não mais como semelhantes e aliados na guerra pela sobrevivência, mas sim, como

um competidor, um inimigo a ser vencido pela disputa por recursos, a sociedade transforma-se em arena e o espírito de coletividade é dissolvido em milhares de planos em busca da felicidade (RODRIGUES E SILVA, 2019; SANTOS, 2017).

Esse é, provavelmente, o preço mais caro que pagamos ao exaltar uma lógica pautada no individualismo, pois, ao focar os esforços na auto realização, em detrimento do bem-estar coletivo, o resultado é um descompromisso com o próximo, uma justiça social apática ou inexistente, a produção de sujeitos acrílicos e a fragilidade nos vínculos (RODRIGUES E SILVA, 2019). Seria possível ser verdadeiramente feliz num ambiente social como este? Se pensarmos de acordo com Carillo (2017) e os demais autores, não.

Porém, vale ressaltar que essa contradição não é um acidente, nem algo indesejado, pelo contrário, trata-se de um projeto neoliberal em que a afetividade dos sujeitos é transformada em ferramenta de governamentalidade, onde coloca os indivíduos em estado de permanente falta e realização através do consumo alicerçado em algo extremamente lucrativo, onde torna-se necessário que os sujeitos assumam o papel de máquinas em busca da melhor eficácia, do aprimoramento através da competitividade concebida como uma fonte de eterna mais valia e onde extrapola a individualidade, criando sujeitos desconexos, sem senso de coletivo, e, conseqüentemente, frágeis, o que os torna mais suscetíveis a controle social, assim, a lógica de felicidade individual perpetuada serve a valores de uma ordem político-social vigente (RODRIGUES E SILVA, 2019; SANTOS, 2017).

É importante registrar que essa pesquisa se dá através de uma ótica ocidental, onde as sociedades, dão maior importância a valores pautados na individualidade. Sendo que, em sociedades orientais, os valores comumente exaltados se aproximam da coletividade e do bem-comum (CARILLO, ET AL., 2017).

Então, o que nos resta, enquanto sujeitos contemporâneos, é pautar nossa existência na busca de uma felicidade incongruente, ou encarar uma infelicidade geral e solitária? Não, há diversos caminhos a serem seguidos, lógicas e paradigmas alternativos, que podem ser adotados como formas de existir e experimentar a vida. Uma dessas é o Ubuntu, filosofia africana que significa 'eu sou, porque nós somos', proveniente da máxima dos povos Xhosa e Zulu, Umuntu Ngumuntu Ngabantu, 'Uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas', nessa perspectiva o eu só existe em contato com nós, e aquilo que você é depende do que as outras pessoas são, o que você sente depende do que as outras pessoas sentem, exaltando valores pautados na solidariedade, nessa perspectiva, eu só posso ser feliz se as pessoas ao meu redor também são felizes (NOGUERA, 2012).

4.5 Papel da Psicologia frente à lógica da felicidade contemporânea

A Psicologia pode ter contribuído para a construção da nova lógica de felicidade vigente, é o que nos traz Reppold (2019) e demais colaboradores, ao discutir a apropriação industrial e midiática, das ideias da Psicologia Positiva (PP), descontextualizando-as e aplicando sobre ela uma lógica utilitarista, que transforma a felicidade num produto. Entretanto, vale ressaltar que, quando aplicada fora de contexto, de forma elevada ou aplicada por pessoas sem formação na área, as técnicas desenvolvidas pela PP, podem gerar conseqüências negativas, como: promoção de comportamentos de risco, agravamento de situações de violência, promoção de negligência, narcisismo, dentre muitas outras (REPPOLD et al., 2019).

Todavia, não é apenas na apropriação midiática-industrial dos seus preceitos que a PP acaba contribuindo para o fortalecimento de uma lógica de vida voltada para a busca incessante da felicidade. Em seus próprios paradigmas há uma ênfase excessiva no sujeito individual, um exemplo disso são seus dois modelos principais de abordagem o hedônico, voltado para a maximização do prazer e minimização da dor experimentada por uma pessoa, e o eudaimônico, onde o foco é a auto realização e os propósitos de vida do sujeito, percebe-se em ambas as abordagens um foco no sujeito individualizado, e não num sujeito em relação, um sujeito apolítico. E mesmo que um dos pilares estipulados na PP seja o estudo das instituições e sociedade, as abordagens e estudos voltados para esse viés são raros e pouco substanciais (REPPOLD Et al., 2019), (CARILLO, Et al., 2017).

Entretanto, indo na contramão, a Psicologia pode atuar de maneira a confrontar essa nova lógica. Em *Implicações da abordagem da Gestalt- terapia frente às Relações de Hiperconsumo*, (2019), o debate sobre a nova fórmula de felicidade propagada, destaca a importância da atuação do psicólogo frente a isso e ressalta que a Psicologia tem o papel e o dever de libertar o sujeito da opressão social de ser sempre o melhor e de estar sempre bem, permitindo que sentimentos negados sejam aceitos e expressos como parte legítima da experiência humana. Assim, a felicidade apresenta-se como ‘a verdadeira felicidade’, não um estado perene de bem-estar, calcada na autorealização, mas sim na experiência genuína do presente, em suas mais diversas versões (ALEGRIA, 2019).

Além disso, o sujeito só existe quando está em relação com o meio, sendo assim, não faz sentido tratar o indivíduo como ser isolado, tornando a lógica voltada para o individual. Dessa forma, a atuação do psicólogo deve estar carregada de sentimento político, visando uma reconstrução do mundo e rejeitando normas que não compreendam a humanidade em sua totalidade (ALEGRIA, 2019).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da construção do presente artigo, observou-se que a temática felicidade sempre acompanhou o homem, ela atinge os pilares da sociedade e o que há de mais intrínseco nas pessoas. Junto aos diferentes autores que contribuíram com esse diálogo, foi possível perceber que a felicidade na contemporaneidade passou a se configurar como modos idealizados de ser e ter e isso diz respeito a um projeto no qual o consumo e a autorrealização são colocados como alcance desse bem-estar.

Dessa forma, a análise desse fenômeno permitiu identificar as bases dessa lógica, sendo ela uma invenção alienante e incongruente com a realidade social, que tem impacto direto na subjetividade e na coletividade, onde a sociedade segue uma linha de desumanização extrema do indivíduo e a própria condição humana vem sendo ameaçada, visto que, a doutrina da felicidade constante transforma pessoas em seres contraditórios, negociacionistas, atravessados pelo sentimento de fracasso nessa busca, egocêntricos, e assim, o individualismo segue reinando como ideologia e destruindo projetos coletivos que são essenciais para a construção de uma vida feliz. Portanto, apesar de algumas vertentes terem contribuído para manutenção desse ideal, a Psicologia na contemporaneidade, deve atuar na propagação de uma visão coletiva, produzindo estudos de forma crítica e política que visem confrontar essa lógica.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, Marcio; VALE, Felipe C. et al. A representação social da felicidade e a sociedade de consumo na visão de jovens universitários. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, janeiro-abril, 2018.
- ALEGRIA, Carla M. et al. Implicações da Gestalt- terapia frente às Relações de Hiperconsumo. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n.4, p. 964- 977, 2019.
- AMATUZZI, M. M. A subjetividade e sua pesquisa. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, [S. I.], v. 10, p. 93-97, 2006.
- BANHATO, E.F.C Reflexões sobre os Benefícios da Tristeza segundo a Neurociência e a Arte Fílmica Divertidamente. **CES Revista**. V.33, n.2, p.147-166, 2019.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

CARILLO, Sonia. FEIJÓO, María. GUTIÉRREZ, Agustín. JARA, Paula. SCHELLEKENS, Melissa. Et al. El Papel de la Dimensión Coletiva en el Estudio de la Felicidad. **Revista Colombiana de Psicología**, v. 26, n. 1, enero-junio, 2017.

FREITAS, Denir C. et al. A tristeza e a inveja na obrigação de ser feliz. **IDE**, São Paulo, v.40, n. 65, p. 97-107, novembro, 2018.

FURTADO, Mariama. SZAPIRO, Ana M. et al. Novos Dispositivos de subjetivação: o mal estar na cultura contemporânea. **Rev. Polis e Psique**, p.166-185, v.5, n.3, 2015.

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: Elementos Gerais para uma ética afroperspectivista. **Revista da ABPN**. V. 3, n.6, nov. 2011- fev. 2012, p. 147-150.

REPPOLD, Caroline. TOCCHETTO, Bruna. Et al. Felicidade como Produto: Um olhar Crítico sobre a Ciência da Psicologia Positiva. **Avaliação Psicológica**, p. 333-342, 2019.

RODRIGUES, Renato. SILVA, Gimima B. M. et al. O derretimento da coletividade e a obstinação do individualismo. **Contra corrente**, n. 13, p. 96- 108, 2019.

SANTOS, Breno B. et al. Cultura do consumo: da promessa de felicidade ao sofrimento psíquico. **Latitude**, v.11, n.1, p. 295- 333, 2017.

SOUZA, Adelson. OLIVEIRA, Cremilda R. et al. Ser Feliz: Reflexões sobre a felicidade e seus imperativos. **SABERES**, Natal RN, v.1, n.18, maio, p. 07-19, 2018.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão Integrativa: o que é e como fazer. **Einstein** (São Paulo), São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, Mar. 2010.

SOUZA, Paulo. **Sigmund Freud: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

1, 2, 3 Discentes Ícaro de Araújo Juriti, Shirley Nunes Silva de Araújo e Amanda Santana da Silva do curso de Psicologia do Centro Universitário UniFTC de Feira de Santana (UniFTC/BA), e-mails: icaroaj.fay@gmail.com, shirleynunesaraujo@gmail.com, amanda.santanaasilva@gmail.com

4 Professor Msc. Daniel Alberto S. E Santos, Mestre em Saúde Coletiva, Psicólogo e Especialista em Saúde Mental com Ênfase em Dependência Química. Orientador do Centro Universitário UniFTC de Feira de Santana (UniFTC/BA), e-mail: danielalbertopsi@yahoo.com.br

Recebido em: 22 de Outubro de 2021

Avaliado em: 2 de Novembro de 2021

Aceito em: 19 de Novembro de 2021



www.periodicos.uniftc.edu.br



Periódico licenciado com Creative Commons
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.